

O sabor da palavra plena: falam os psicanalistas!

Gustavo Henrique Dionisio

Universidade Estadual Paulista - Assis

“Como se forma um analista?” Talvez esta seja uma questão que represente, como parte pelo todo, *Psicanálise entrevista*, livro organizado por Mara Selaibe e Andréa Carvalho, e lançado há pouco pela editora Estação Liberdade. Trata-se de um primeiro volume (o segundo se encontra no prelo) que reúne entrevistas realizadas pela reconhecida Revista *Percurso*, editada semestralmente pelo Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e que acaba de completar seus 25 anos de existência. O compêndio reúne nomes nacionais e internacionais e é bastante competente ao realizar a curadoria dos entrevistados, uma vez que todos eles, sem exceção, podem ser psicanalistas “referência bibliográfica” para qualquer um que se interesse pelo dispositivo criado por Freud desde o início do século retrasado. Caprichadamente, a edição ainda presenteia o leitor com um texto informativo feito sob medida para cada um dos entrevistados, o que auxilia na localização da pertinência e da posição no cenário analítico do psicanalista que, em seguida, se lerá. Tais entrevistas, que neste primeiro volume cobrem um extenso período que vai de 1988 a 2009, são primorosas justamente nesse sentido: elas nos ofereceriam, ao fim e ao cabo, uma paisagem ela mesma *formadora* sobre a formação psicanalítica.

Já “o que é ser analista?”, por sua vez, seria uma pergunta complementar à primeira, pois, como aponta Renato Mezan no prefácio à edição, esse problema é definitivamente outro daqueles que aparecem – e de uma maneira transversal – de cabo a rabo nesse livro; tornar-se-ia difícil, portanto, realizar uma resenha propriamente dita do compêndio, já que são inumeráveis as novidades trazidas pelos autores, e isso tanto no que tange à teoria quanto à técnica. É discutida, nesse ínterim, toda a problemática das “gerações analíticas”, de modo que estaremos ouvindo uma parcela significativa de sua mais importante produção dos últimos 60 anos (convém informar que a maioria dos entrevistados pertence a uma geração que se formou entre as décadas de 1960 e 1970). Por essa razão, é possível dizer que o livro se apresenta como uma espécie de microcosmos (mas que pode se lançar a um universal, é certo) que contém um pensamento vivo sobre o que diabos seria, afinal, ser um psicanalista, considerando que sua formação possa ser realizada dentro ou fora de uma escola. A resposta à pergunta não é, evidentemente, unívoca, e deve ser encontrada em meio ao *processo* com o qual se desenrola a leitura dessa obra cujo lançamento, a propósito, deve ser celebrado por toda nossa comunidade!

Alguns pontos podem ser já destacados, ainda que estejam sob o olhar de um primeiro sobrevôo panorâmico: antes de mais nada, faz-se necessário mencionar a presença maciça de Lacan, quase tão onipresente a ponto de ser, com perdão da insinuação, “edípica”. Inequivocamente, por tanto, Lacan aparece em alguns momentos sob a forma do psicanalista (é sabido, ou mesmo declarado na ocasião da conversa, que ele analisara alguns dos entrevistados etc.), mas também sob a insígnia do supervisor,

do mestre ou ainda do adversário teórico “a ser superado”. Em menor escala, embora igualmente notada, Sandor Ferenczi é outra referência que atravessará o modo de pensar de alguns dos autores, sobretudo no que diz respeito à sua posição crítica em relação à técnica e à teoria (da técnica) freudianas.

Tampouco deixa de chamar atenção, em particular, a especificidade da condução em cada uma das entrevistas, o que se justifica pela formação de uma equipe diferente para uma realização diferente; é possível notar, ademais, que algumas entrevistas são mais pessoais, outras mais teóricas; algumas são mais curtas, enquanto outras, mais longas; e ainda certas entrevistas parecem ser mais entrecortadas (dentre elas se podem destacar as de Isaias Melsohn, Jean Oury e Chaim S. Katz) ou talvez menos “inteligíveis” – eventualmente mais complexas, por assim dizer, que as demais. Em vista disso, ao que nos parece, os editores optaram por intitular cada uma delas individualmente, procurando assim sintetizar o “tema da prosa” que, a seguir, será apresentada ao leitor. Nessa medida, eis que surge a única ressalva que me caberia apontar neste *Psicanálise entrevista, vol 1*: se por um lado os títulos foram muitos felizes em função de sua virtude “poética”, por outro, considero no entanto que a ação se torna muito audaciosa porque corre o risco não alcançar uma representatividade mais certa do dito, como a meu ver de fato ocorre em algumas das situações.

Ainda assim, percorrendo as entrevistas o leitor poderá verificar com clareza o surgimento dos principais (ou mais controversos) temas constituintes de nossa boa e velha Psicanálise. Dentre outros, listemos os mais eminentes: a “aplicação” da psicanálise para objetos “extra-clínicos” – isto é, a polêmica relação entre a psicanálise e a cultura ou seu potencial de interpretação da vida estético-político-social considerada de maneira mais ampla; os horizontes de *liberdade* (Zygouris) e de *autenticidade* no trabalho da escuta; a fundamental discussão sobre as novas patologias (Joyce McDougall), os casos difíceis e os *gadgets* que a cada dia invadem mais e mais a vida contemporânea; o pouco progresso teórico da psicanálise no campo das grandes questões políticas de hoje (Rouanet); a existência ou mesmo o fomentação de se criarem instituições “alternativas” de pertencimento psicanalítico, instituições que sublinhariam mais a necessidade de articulação do que de hierarquia entre os psicanalistas que a compõem (vide os *Ateliers de Psychanalyse*, também citados por Radmila Zygouris, mas também o *Espace Analytique* e o Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos, referidos por Joel Birman). A discussão sobre as modalidades da “cura tipo”, na medida em que implicam certas particularidades da transferência e da contra-transferência, também se tornou um assunto necessário a ser pensado no presente, assim como o respeito pela originalidade do paciente (Laplanche) e o papel do acaso no trabalho da escuta (tal como apontado por Jean Oury); a denegação, por parte de alguns analistas, a realizar um tratamento com aqueles que os procuram, desse modo escamoteando a possibilidade, também inerente à psicanálise, de diminuir o sofrimento psíquico; a importância da “delicadeza da escuta”, tão bem indicada por Silvia Alonso, é outro tema que indiretamente se justapõe à condição de que só é possível ser analista a partir das condições permitidas pelo seu próprio tempo (Jurandir Freire Costa) – e por aí vai. De um modo ou de outro, podemos assumir que todos os assuntos convergiram num mesmíssimo lugar: até quando – pode o leitor questionar – os psicanalistas se satisfazem com o saber adquirido, reproduzindo as teorias e os mestres prediletos? Ou, inquietos, conseguirão eles seguir adiante e ir além? (é a saudável aposta de J.-B. Pontalis).

Nessa perspectiva, é de muito bom grado verificar o quanto as entrevistas apontam para a condição *ética* de nossa prática, condição *sine qua non*, evidentemente, com especial respeito àquilo que tange ao alargamento simbólico que a psicanálise pode(rá) vir a fazer no mundo: se amparada na abertura ao outro, ela acaba se tornando um antídoto contra o obscurantismo e importante arma de combate à sua irmã gêmea, a saber, a tirania da verdade absoluta.

Ora, e é justamente contra elas que os entrevistados de *Percurso* falam *em nome próprio*; com efeito, é possível dizer que todos os integrantes desta edição possuem um tal percurso autoral a ponto de terem desenvolvido, cada um à sua maneira, uma reflexão verdadeiramente singular sobre a psicanálise grafada com p maiúsculo, seja ela clínica ou “aplicada” (divisão que, aliás, é muito pouco frutífera para o campo como um todo, independentemente deste volume lançado pela editora Estação Liberdade). Nesse sentido, é bem verdade que todo psicanalista deve estar atento a um perigo que habita constantemente o universo construído em torno da obra de Freud: o de se tornar um papagaio de autor, ao invés de produzir um trabalho próprio a partir de suas conquistas. Perigosa, essa tática poderia ser colocada na conta das identificações, projetivas ou imaginárias, não se sabe ao certo, mas de qualquer modo alienantes (tal como se pode apreender com a entrevista Otto Kernberg, por exemplo). E ainda nessa perspectiva, como assinalou Claude Le Guen – não sem um tom ácido de provocação e de paradoxo –, é provável que um dos maiores méritos de um psicanalista é *deixar que seu o analisando faça sua análise(!)*, uma liberdade de trabalho que, como ele mesmo sublinha em sua conversa, não acontece com muita frequência.

O que acaba nos obrigando a retornar à questão das escolas; o leitor atento há de perceber que talvez ela perfaça uma condição “sintomática” no interior da formação analítica, por menos escolar ela seja: do início ao fim, em *Psicanálise entrevista* não há psicanalista que não toque nesse assunto, sendo ele entrevistador ou entrevistado (com a exceção de Sérgio Paulo Rouanet, que, dedicado à vida de embaixador, não pratica a psicanálise em “intensão”, como era definida a prática por Lacan). Percorridas suas páginas, o leitor então pode vir a concluir que subsistiria uma enorme tensão, endógena à própria psicanálise, a respeito desse pertencimento institucional (IPA ou não-IPA, ingleses e franceses e etc.), o que por sua vez não deixa de ser verdade e, assim, acabaria conduzindo-o à espinhosa questão: afinal, por que os psicanalistas gastam tanta tinta refletindo sobre as afiliações psicanalíticas? E mais: por que é tão custoso (psicologicamente, ao que parece) sentir-se livre delas sem algum remorso? Por que, afinal, tanta insistência nessa questão?

Não é nossa intenção responder, evidentemente, tais perguntas. Preferimos deixar o leitor com uma ressalva, proposta a esse respeito por Silvia Alonso e valiosa o bastante neste momento: nenhuma instituição, ela afirma, tem a capacidade de formar psicanalistas sobretudo porque a formação, a rigor, *nunca termina*; as instituições conseguiriam portanto apenas transmitir (um)a psicanálise, sem mais, sem menos. É que para se fazer funcionar a máquina de psicanalisar – para não perder a oportunidade de mencionar a feliz expressão de André Green – exige-se uma pluralidade mínima de autores que inspirarão a formação de alguém e... basta!

Construir uma escuta e um pensamento clínico próprios, eis o objetivo, tão simples e tão complexo, da formação de um psicanalista. Inevitavelmente, porém, sabemos que sempre se acaba deixando algo como que incompleto pelo caminho...

Sábio, Pontalis parece ter plena consciência disso, quando então concluía a respeito de sua análise com Lacan, e que se pode ler também neste *Psicanálise entrevista*: no fim, será que todas as análises não são, em boa medida, decepcionantes? Sim. E tanto melhor.

Bibliografia

Selaibe, M., Carvalho, A. (org.) (2014) *Psicanálise entrevista volume 1*, (392 p.). São Paulo: Estação Liberdade.

Recebido: 15 de maio de 2014.

Aprovado: 15 de abril de 2014.